

3

(*)

ANA MARIA GURGEL O. GONZALEZ

**DA TEMPESTADE
N'OS LUSÍADAS**

ABSTRACT - From the Tempest in "The Lusíadas"

Our study is a comparison between the "tempest" - Canto VI from "Os Lusíadas" and the "storm" of the ancient epic poems "The Odyssey" and "The Aeneid". We try to prove that, only in Camões, from Bacchus' despair we can feel that phenomenon as a true fight between two enemies that intensify their forces alternatively. Here we show that the Portuguese navigators, in one only action, make the representative hero of the Poem evident, and acclaim him definitely as a hero of the Lusitanian epopee, in that classical conception of an epic hero.

O nosso estudo é uma comparação entre a "tempestade" do Canto VI d'Os Lusíadas e a "borrasca" dos poemas épicos antigos, a Odisséia e a Eneida. Tentamos provar que, somente em Camões, a partir do "desespero" de Baco, podemos sentir aquele fenômeno como uma luta real entre dois inimigos que alternadamente intensificam suas forças. É aqui, mostramos, que os navegantes portugueses, numa ação única, evidenciam o herói coletivo do Poema, e consagram-no definitivamente como o herói da epopéia lusa, dentro daquela concepção clássica de herói épico.

Fundamentos de Teoria da Literatura e Teoria da Literatura na FFCL de Sorocaba.

O último obstáculo que enfrentou a esquadra portuguesa a caminho das Índias foi mais uma tentativa de Baco, no seu esforço para deter a ousada empresa lusitana que, em pleno Oceano Índico, se aproximava das terras orientais:

"As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da Índia, e enxergavam
Os tálamos do sol que nace ardente:
Já quase seus desejos se acabavam.
(VI,6).

Estavam, pois, seguros de seu empreendimento, tendo à frente a rota certa na pessoa do piloto mouro:

"No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que dantes vinha."
(VI,5).

E a confiança no sucesso da viagem é intensificada pelas condições bonançosas que oferecia a natureza:

".....a leda, lassa frota
Com vento sossegado prosseguia,
Pelo tranquilo mar, a longa rota."
(VI,38),

levando os portugueses a uma total despreocupação, impedindo-os de qualquer precaução, tão seguros estavam de sua rota e de seu domínio nos "mares nunca de antes navegados". Essa tranquilidade da natureza convidava-os ao repouso, tanto que os vigilan-

tes, na responsabilidade de suas funções, diz o Poeta:

"Remédios contra o sono buscar querem,
Histórias contam, casos mil referem".

VI, 39).

É a oportunidade de o Poeta introduzir mais um episódio épico em seu poema, "Os doze da Inglaterra", e também a oportunidade de Baco que, tendo como frustradas as suas intrigas na costa africana, encontra, agora, o momento propício para surpreender os despreocupados portugueses de alto mar, com uma súbita tempestade. É evidente que Camões rompeu, aqui, o seu compromisso, ou o seu objetivo tantas vezes explícito no poema, de ser fiel à verdade histórica, pois nada sofreram os portugueses depois que partiram de Melinde, como disse o historiador João de Barros em sua Primeira Década: Vasco da Gama, guiado pelo piloto mouro, - "se fêz à vela a caminho da Índia a 24 dias de abril. E atravessando aquêlê golfão de setecentas léguas, que há de ùa à outra costa, per espaço de vinte e dous dias, sem achar cousa que o impedisse¹". É mais enfático ainda, Castanheda quando diz: "e deulhes Deos tão boa vêtura que fazendo já rofto ho inuerno da Índia, pelo q̄ faz naq̄e golfão grãdes tormêtas, êle não achou ne-

1) BARROS, João de - Ásia - 1a. Década. 6a. edição. Lisboa, Agencia geral das Colônias, 1945. Livro VI, cap. VI, - p. 152.

nhã, antes vento a popa"² Camões teria - transferido para seu poema a borrasca que sofreu a esquadra de Vasco da Gama em sua viagem de regresso: "chegados com assáz trabalho junto das Ilhas de Cabo Verde, com um temporal forte que ali tiveram, Nicolau Coelho se apartou de Vasco da Gama e Vasco da Gama com aquêl temporal foi ter à Ilha de Santiago"³. E, assim, se fez presente - mais uma intriga do deus adverso à viagem, ficção que tem sua verossimilhança nas próprias causas de Baco que vê seus inimigos próximos da meta final. Sabe ele que os portugueses atingirão as Índias, mas será através de um tributo bastante penoso. Dirige-se, agora, já que lhe fora negado o auxílio dos deuses da Terra, ao deus do Mar e a todas as oceânides que, reunidos e em concílio, ouvem os seus argumentos, "perfeito modelo de eloquência persuasiva", nas palavras do Prof. Hernâni Cidade⁴. Seus recursos oratórios procuram incitar a ira dos deuses marinhos contra a ousadia portuguesa na conquista dos domínios marítimos; e, como recurso final e decisivo, serve-se das lágrimas para convencer os seus inter-

-
- 2) CASTANHEDA, Fernão Lopes de - História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses. 3a. ed. revista e anotada por Pedro de Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, - 1924. Livro I, cap. XIII, p. 33.
 - 3) João de Barros. op. cit., cap. XI, p. - 174.
 - 4) CIDADE, Hernâni - Luís de Camões, o épico. 3a. ed. [Lisboa] Livr. Bertrand 1968, p. 152.

locutores.

Poderíamos acrescentar, a partir dessa atitude última de Baco ante os deuses marinhos, uma outra divergência àquelas assinaladas pelo Prof. Bowra, que levam a dois tipos de epopéia: a "oral" (onde inclui os poemas homéricos, a Canção de Roldão, o Canção de Mio Cid e outros semelhantes) e a "literária" (onde se encontram poemas como a Eneida e Os Lusíadas).⁵ Refere-se ao tratamento dado às entidades divinas na Odisséia e depois na Eneida e n'Os Lusíadas. No poema homérico encontramos os deuses tão poderosos e aparentemente invencíveis quanto seus próprios heróis. A fraqueza não se faz presente em nenhuma de suas ações. Assim é Posidão, deus desfavorável à volta de Ulisses a sua pátria, que indignado com os novos desígnios dos deuses ao libertarem o herói dos amores de Calipso, desencadeia a forte tempestade que surpreende Ulisses, talvez confiante demais na promessa daquela deusa que "lhe expedira uma brisa próspera e tépida"⁶ E o herói tem seu momento de reflexão, dominado pelo desalento ante tantos perigos e infortúnios. Mas o deus do Mar não hesita em persegui-lo, confiante em seu poder e não temendo a proteção divina sobre o herói, vencedor já de

-
- 5) BOWRA, Cecil Maurice - Virgílio, Tasso, Camões e Milton. Trad. do inglês - por A. A. Dória [Porto] Livr. Civilização [1950] cap. I.
- 6) HOMERO - Odisséia. Tradução de Jaime - Bruna. São Paulo, Editora Cultrix - [1968] CV, p. 65.

tantos embaraços. Ao contrário, na epopéia romana como na portuguesa, esses deuses hostis apresentam-se derrotados, desacreditando de suas próprias forças e não mais confiando em suas próprias ações para impedir a façanha do herói. Assim Juno, adversa à viagem de Enéias, frustrada ante seu fraco poder "àquele povo a quem faz guerra há tantos anos",⁷ vai pedir auxílio ao rei Éolo, dominador dos ventos e das tempestades, como fez Baco pedindo a adesão dos deuses marinhos à sua causa. E essa fraqueza dos deuses é intensificada n'Os Lusíadas pela caracterização que nos faz o Poeta do deus do vinho. Juno ainda conserva uma certa superioridade em relação a Éolo que lhe deve o seu reinado; o seu poder e a sua influência, portanto, ainda se fazem presentes, embora a recompensa que promete ao rei dos ventos pelo seu trabalho seja um recurso - que não vem lhe diminuir a força. Na epopéia portuguesa, a fragilidade ou a inferioridade de Baco é levada às últimas consequências; sua posição no reino marítimo aproxima-se muito mais à dos fracos seres humanos do que à dos invencíveis seres divinos. O único poder que lhe parece restar é a sua brilhante oratória, mas ele não está seguro de sua eficiência e procura, como recurso decisivo, mover a compaixão daqueles deuses através das lágrimas. É a atitude ridícula em que é colocado o "Grão

7) VERGÍLIO- Eneida. Trad. de Nicolau Firmo, 6a. ed. Lisboa, Acadêmica de Felipa, 1959. C I.

Tebano", em favor da supremacia do herói português que com seu poder e ousadia consegue ofuscar a ação do próprio deus. E toda essa estratégia foi necessária a um ser divino para que a esquadra lusitana, nas águas do Mar Índico, como os teucros nas costas da Sicília, sofresse seu último contratempo em alto-mar, ou o "último obstáculo", como diz o prof. Bowra, "que os exploradores têm de vencer antes de chegarem à meta; depois de suportarem a malignidade dos homens, devem agora suportar a dos elementos. Vênus e Baco apóiam os poderes sobrenaturais que ajudam ou embaraçam os portugueses":⁸

"Ao grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegante!"

(VI, 35)

É a preparação da forte borrasca que, tanto na epopéia homérica como na vergiliana, é anunciada pelo próprio Poeta; seus heróis, sendo pegos desprevinidos, têm apenas um momento breve de reflexão, expressando o desejo de ter morrido em combate, assegurando, desta forma, a sua fama, a sua imortalidade (o herói homérico, individual) ou ter morrido em defesa de sua pátria (o herói romano, nacional). Na epopéia camonianá, embora seus homens estivessem vigiando, achavam-se despreocupados e o "alerta"

8) Op. cit., p. 130.

do mestre dos marinheiros que, observando a Natureza, percebe as suas modificações, não foi suficiente para que a população que dormia e os homens que vigiavam, presencessem o perigo iminente:

"Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e súbita procela"
(VI,71).

Transcrevemos, aqui, as palavras de Manuel Ferrer Ch. sobre essa passagem: "Si consideramos que este episodio introduce unos valores épicos legendarios en oposición a los valores épicos reales de la navegacion parece como si Camões quisiera advertirnos y aún asegurarnos de que en el momento en que los hombres se entregan a la molición de los sueños y la leyenda, olvidando su tarea real de constante esfuerzo y tensión en la tierra, están abriendo una puerta al mal. .en cuanto la tormenta se desencadena, la vuelta a la realidad se impone em el magnífico contraste comunicado por las estrofas que siguen a la narración del Veloso"⁹ E assim, os heróis portugueses, atingidos pela ira dos deuses, são submetidos a fúria da Natureza.

Vejamos, agora, o comportamento épico dos navegantes em pleno oceano. Já tivemos a oportunidade de mencionar que o herói grego Ulisses, embora atento, dominando to

9) "La Mitologia en Os Lusíadas; una posible interpretación". Revista Camoniana. S. Paulo, I.E.P. da U.S.P., 1971, v.3, p. 36.

talmente o sono, com os olhos fitos em todos os lugares,¹⁰ não teve tempo de prever a tempestade que é desencadeada pela ação súbita do deus do Mar; são ouvidas apenas suas palavras que caracterizam o herói cansado de tantas perseguições. Após proferi-las, é atirado a distância por um grande vagalhão. A partir daqui, assistimos a uma completa passividade do herói que é submetido totalmente à ação dos ventos e das ondas que o jogam, ora para um, ora para outro lado. A única ação explícita, de caráter talvez dramático, é a sua atitude instintiva de se agarrar à jangada, sentar-se ao meio para não achar na morte o seu fim,¹¹ atitude que pouco expressa do conflito do homem em luta com a Natureza. O mesmo se dá com Enéias e seus companheiros que são colocados, por Vergílio, em pleno experimento da adversidade!¹² Há total ausência de ação humana, tanto antes como durante a tempestade. O Poeta parece aí desconhecer qualquer posição que deveria ser tomada pelo piloto, ou pelo chefe da frota em tal momento, ignorando o que se passaria, realmente, entre os homens, suas posições, seus desesperos, suas tentativas de resistência. Há apenas a ação do agressor que arrastava navios, engole homens, quebra remos, etc. E os gritos dos companheiros, e as palavras de Enéias, reflexão comum nos heróis ao fazerem o balanço de suas vicissitudes, são os únicos elementos que expressam a presen

10) Op. cit., V, 270-276.

11) Homero - Od., V, 325-326.

12) En., I, 81-123.

ça do homem. Nada mais justifica o drama da situação. Vergílio perdeu, aqui, a oportunidade de analisar, ou retratar, como fez no episódio de Didó¹³, a luta do herói que parece, inclusive, assistir passivamente ao desaparecimento de seu piloto engolido pelo violento turbilhão!¹⁴ É ainda a presença do homem que teme o sobrenatural. N'Os Lusíadas, porém, em que seu herói sofre também a ira dos deuses, e que aí parecem redobrar suas forças contra o inimigo, se faz presente a luta de toda a tripulação contra o total domínio do adversário. Os seus esforços em atenuar a desgraça e os seus estragos que, fatalmente, os impediriam de atingir a meta final tão próxima, são intensificados. Vergílio parece que tentou esse mesmo processo no Canto V de seu poema, ao descrever a ação do piloto e do próprio Enéias que, desviando a rota, conseguem fugir de uma outra tempestade que os ameaçava após terem deixado Cartago.¹⁵ É, no entanto, uma ação única que acontece, não durante o fenômeno, mas na sua preparação. Camões, ao contrário, procura dramatizar a situação, caracterizando o comportamento da tripulação portuguesa ante a tempestade, de modo bastante realista, retratando a sensação angustiante de seus tripulantes:

"O céu fere com gritos nisto a gente,
Cum súbito temor e desacordo",
(VI, 72),

13) Ibid., IV, 688-692.

14) Ibid., I, 113-117.

15) Ibid., V, 17-28.

numa volta ao homem medieval, sempre apavorado ante o tenebroso, ante o desconhecido, como em Dante!¹⁶ Evidencia-se ainda a ação de marinheiros e soldados que lutam, resistem, tentando evitar um dano maior:

"Vão outros dar à bomba não cessando"
(VI,72);

ou:

"Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba.....
.....
Três marinheiros, duros e forçosos,
A menear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham, de hũa e de outra
parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte".
(VI,73).

É enfatizada, de modo especial, a ação, ou os comandos do "mestre", o primeiro a dar o alarme, e o único a comandar a ação dos navegantes:

"Amaina(disse o mestre a grandes brados),
Amaina(disse), amaina a grande vela!"
(VI,71);

e, quando os ventos redobram suas forças:

"Alija(disse o mestre rijamente),
Alija tudo ao mar,não falte acordo"
(VI,72).

16) La Divina Commedia. Milano, Ulrico Hoepli Editore, 1955. Inf., I, 1-6.

É a presença ativa do homem que não se deixa abater ante a fúria da Natureza, mas sabe enfrentá-la, conjugando as duas modalidades de recurso de que dispõe a natureza humana: a força, a coragem, a inteligência, presentes nos meios que emprega para resistir à hostilidade do mundo físico; e a fé, a devoção, enfim, o sentimento religioso que o leva a clamar pelo Criador no momento angustiante:

".....a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio"
(VI,75),

o mesmo Deus Cristão que, em Dante, dá ao herói força e coragem necessárias para o percurso da grande missão!¹⁷

Esse dinamismo no episódio da tempestade, que não encontramos nas epopéias grega e romana, aqui citadas, é consequência do processo empregado pelos seus Autores ao retratarem o fenômeno. Tanto na Odisséia como na Enéida há o predomínio da narração sobre a descrição. Se esta última está presente, é apenas através da forte adjetivação com que seus Poetas procuram pintar aquele fenômeno natural, levando-nos a deduzir a angústia e o terror de seus heróis ante tal espetáculo!¹⁸ E o drama da tempestade não se realiza porque seus Poetas transcrevem apenas os danos materiais que sofreu a frota, preocupando-se em apresentar

17) Op. cit., Inf., I, 121-135. HOMERO

18) VERGÍLIO - En., I, 81-123; Homero-Od., V, 313-332.

uma tempestade realmente violenta, mas esquecendo-se de suas personagens, do drama que deveriam estar vivendo à mercê de ventos e mares tão furiosos. Em Vergílio, apenas uma nota pálida mostra a angústia de seus tripulantes:

"insequitur clamorque uirum stridorque
rudentum"¹⁹

Predomina, no entanto, a pintura de um quadro objetivo apenas, onde o Autor retrata um episódio grandioso, cujos danos causados vêm satisfazer, em parte, a ira dos deuses inimigos. Nenhuma possibilidade de resistência é dada ao herói para enfrentar o sobrenatural. No poema luso, porém, a ação do agressor é aliada à ação do agredido; o homem, quebrando o "mito" existente sobre o poder invencível da Natureza, passa a enfrentá-la, a impor-lhe resistência, como podemos observar nas ordens dadas pelo mestre, e na ação conjunta dos soldados e marinheiros. O herói português, tem, pois, a oportunidade de expor sua força, sua valentia, lutando em pé de igualdade contra o soberano desconhecido. Fazemos, aqui, uma observação às palavras do prof. Antônio José Saraiva que, na tentativa de provar nos deuses a única ação propriamente presente n'Os Lusíadas, diz: "os episódios são dados de forma descritiva, exemplificativa ,

19) Elevam-se os gritos dos homens e o ranger das amarras. Op. cit., I, 87.

numa seqüência do discurso de Gama ao rei de Melinde"²⁰ Perguntaríamos então, se durante a tempestade não sentimos a presença também da ação humana, em toda a sua plenitude de força, coragem, fé. Poderíamos ainda acrescentar que, nesse episódio, assistimos a uma ação coletiva muito mais dinâmica e heróica que a daqueles simples tiros de artilharia que os portugueses empreenderam contra os mouros de Moçambique²¹. Assim, enquanto aquela ação dos tripulantes é de caráter imediato, para nós, leitores, a tempestade acontece gradativamente, ganhando em intensidade. A sua preparação é anunciada pelo Poeta, através do imperfeito do indicativo:

"Já lá o soberbo Hipótades soltava
Do Cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os barões audaces e animosos.
Súbito o céu sereno se obumbrava"
(VI,37).

E a ação imediata dos tripulantes, que são surpreendidos pela mudança repentina do tempo, é trazida até nós, através do presente histórico dos verbos:

"Mas, neste passo, assi prontos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca: acordam, despertando,
Os marinheiros de hũa e de outra banda!"
(VI,70).

20) Camões - Lisboa, Jornal do Foro, 1963, v. III, p. 186.

21) Os Lusíadas, I, 89-91.

O tempo verbal muda novamente quando, na mesma estrofe, o Poeta volta a se referir ao fenômeno da tempestade, acentuando o contraste entre a ação crescente do agressor, e a ação imediata do agredido:

"E, porque o vento vinha refrescando"
(VI,70).

Essa ação em movimento atinge o seu ápice no desencadeamento da tempestade, propriamente dito, que nos é dado através de verbos no presente, conjugando-se, assim, aquelas duas realidades: a ação dos tripulantes e a realização do fenômeno que, até aqui, nos vinha sendo anunciado de modo progressivo, como pudemos observar. A alternância dos tempos verbais concorreu, portanto, para o dinamismo dessa apresentação, e das primeiras providências por parte dos tripulantes que se armam para o combate. Não houve tempo de prevê-lo:

"Não eram os traquetes bem tomados
Quando dá a grande e súbita procela"
(VI,71).

Passamos, agora, a assistir ao drama da tripulação que, sob ordens, não mede esforços para superar aquela luta, aparentemente desigual. É uma visão realmente cinematográfica, onde o Poeta focaliza os fatos como que munido de uma câmera, ora aproximando-se de suas personagens (através do presente do indicativo):

"Amaina(disse), amaina a grande vela"
(VI,71),

ou:

"Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba....."
(VI,73);

ora, afastando-se delas para descrever (agora através do imperfeito do indicativo) a ira dos deuses, materializada na fúria da Natureza:

"Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que deciam
As íntimas entranhas do Profundo.
Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam
Arruinar a máquina do Mundo"
(VI, 77),

intensificando essa fúria do sobrenatural-que levaria a tripulação a dobrar os seus esforços. A visão da cena é realmente aterradora, no jogo antagônico de luminosidade:

"A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o Pólo todo ardia"
(VI, 77).

Ao contrário, pois, do que presenciámos na Odisséia ou na Eneida, há nessa luta de gigantes d'Os Lusíadas o predomínio da descrição, onde seu Poeta relata, pormenorizadamente, não só a ação de uma tempestade em alto-mar, como também, a maneira como a vêem seus navegantes, como agem, realmente, para enfrentá-la. O Prof. Bowra, aqui citado novamente, expressa bem essa visão do Poeta lusitano, confrontando-a com a do "Cisne de Mântua": "quando Vergílio - descreve uma tormenta e as emoções que ela desperta em Enéias, descobre muitas belezas incidentais, mas suas palavras são as do homem da terra que tem medo de morte de naufrágio. Camões escreve como homem de ação que conhece os perigos muito bem, mas

também sabe como se podem enfrentar"²² Camões consegue, portanto, em sua ficção, expressar os sentimentos que desperta a tempestade em seus tripulantes, como por exemplo, o temor, a angústia:

"Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio",
(VI,75);

ou ainda, a coragem, a submissão dos soldados e marinheiros que, arriscando suas próprias vidas, executam, de imediato, as ordens superiores:

"Correm logo os soldados animosos
A dar à bomba....."
(VI,73).

Isto nos leva a afirmar a experiência marítima que tinha o Poeta, conhecedor dos usos e costumes de um navio, provada ainda pela presença de termos náuticos que, sentimos, não é fruto de um conhecimento puramente racional, mas sobretudo, empírico, pois soube como e quando deveriam eles ser usados, conseguindo expressar o conhecimento, a destreza do herói português na luta contra o inimigo. Temos, então, a presença de expressões que nos tornam familiarizados com a vida marítima, e evidenciam o homem viajado e experimentado por tantos infortúnios, como o foi nosso Poeta. Prova de que sofreu essas mesmas vicissitudes em alto-mar está em Juromenha quando fala da viagem às Índias feita pelo Poeta: sofreu,

22) Op. cit., p. 114.

"quando chegado ao Cabo da Boa Esperança, uma horrível tempestade, d'aquellas com que este cabo vingativo, teatro de tantas tragedias marítimas, costumava mimosear nossos navegantes".²³ Este infortúnio, segundo o mesmo Juromenha, levou Camões a compor uma elegia a sua amada, onde também descreve a tempestade e "faz-nos já adivinhar o grande Poeta épico".²⁴ Observemos, apenas, a sua estrofe X, onde o Poeta retrata também a fúria da Natureza, seus efeitos materiais, e já insinua o drama de seus navegantes:

"Lutando Bóreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das nãos as velas côncavas rompendo
As cordas co'o ruído assoviavam;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos pera o ceo o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero e áspero Tonante,
Tremendo cos Polos ambos de assombra-
dos".

Como aqui, Camões procurou expressar n'Os Lusíadas os sentimentos despertados durante a procela, através de adjetivos que denotam, não como na Odisséia, ou na Eneida, somente a grandeza e violência do fenómeno, mas expressam muito mais do que apenas esse aspecto extraordinário da tempestade. Assim, por exemplo, na caracterização dos ventos encontramos: "os furiosos", "os im-

23) JUROMENHA - Obras de Luís de Camões. - Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, V. I, p. 59-60.

24) Ibid., p. 60

petuosos", os "indinados" e "os bravos ventos"; na caracterização da fúria do mar temos: "mares temerosos", "ondas denodadas"; e, finalmente, retratando os raios e relâmpagos vemos: "touros bramando", ou "feros trovões",²⁵ que, antes de nos fazer experimentar a magnitude de um fenômeno natural de alto-mar, nos coloca diante da ira da Natureza que corresponde à própria ira de Baco e dos deuses marinhos. Esses adjetivos, portanto, expressando qualidades próprias de seres humanos, fazem-nos realmente sentir a tempestade, não só como espetáculo imenso, mas principalmente como um inimigo real que "vocifera" contra os portugueses, "furiosos", "indignados" com a sua ousada empresa marítima.

Não encontramos, nas epopéias da Antiguidade Clássica, novamente lembradas neste trabalho, o processo comumente empregado por Camões, que tão bem retrata e humaniza o fenômeno da tempestade, transformando-o numa luta real entre seres inimigos. Nesses poemas, os ventos são simplesmente "ventos", as ondas são "ondas", as nuvens são "nuvens", etc, com alguns epítetos que expressam suas "qualidades". N'Os Lusíadas, porém, o Poeta emprega uma forma de poetizar essas descrições simples e comuns. Assim, Éolo é o "Hipótades que solta do cárcere fechado os furiosos ventos"; os portugueses, segundo elemento da luta, são os "barões audaces e animosos"; são as "íntimas entranhas do Profundo" que as ondas des

25) VI, 37, 71, 72, 78, 79, 84.

cem; Júpiter é o "Grão Tonante que arremessa ao mundo relâmpagos fulminantes"; Vulcano é o "grão ferreiro que fabrica armas raudiantes"; os ventos são "fúrias indinadas"²⁶, numa sucessão de metáforas significativas, cuja forma, segundo Arnold Hauser, "é elíptica, e baseada na capacidade de o pensamento passar por cima do que é claro e imediato"²⁷ e de "perífrases eruditas", evidenciando, uma vez mais, agora na caracterização de Júpiter e Vulcano, o gosto clássico da erudição. Essas imagens permitem não só a "aristocratização" da linguagem, como também, a humanização do inimigo secular do Homem. Outras vezes, é o "símile", o recurso empregado pelo Autor para expressar essa fúria incontida dos "Elementos". São comparações²⁸ que "contêm mais uma interpretação do que propriamente reprodução da realidade", no parecer ainda de Arnold Hauser²⁹.

Camões conseguiu, assim, pormenorizar a ação da forte tempestade desencadeada sobre os portugueses, naquela sua intenção, defendemos, de retratar a luta do Homem contra a Natureza, ou a luta de dois inimigos por uma causa comum: o domínio do Oceano, até então, vedado ao Homem. É mais um adversário que os portugueses terão de enfrentar, como o foram os mouros de Moçambi

26) VI, 37, 77, 78, 79.

27) Literatura y Manierismo. Madrid, Ediciones Guadarrama (1969) p. 98.

28) Os Lusíadas - VI, 71, 74, 84.

29) Op. cit., p. 51-52

que ou Mombaça, vencidos pela confiança no va do Homem do século XVI em suas possibilidades expressas, sobretudo, nas suas conquistas técnicas, científicas e geográficas. Esse retrato realista do fenômeno não nos é dado somente pelo adjetivos empregados, mas também, pela presença de "imagens" que, como vimos, intensificam a visão pictórica da tempestade. E seu Autor continua a usar esses recursos de expressão: os seus "vagalhões", por exemplo, não são aquelas "altas", "grandes", ou "profundas" ondas que quase destruíram toda a frota de Eneias³⁰; Camões evitou o uso comum desses epítetos, dizendo:

"Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo;
Agora a ver parece que deciam
As íntimas entranhas do Profundo"
(VI,77).

É a nítida visualização daquelas "ondas altas e profundas" através, principalmente, da "antítese" que expressa essas duas formas antagônicas de movimento das ondas do mar furioso. E "céu" e "terra" fundem-se pela humanização, mais uma vez, do sobrenatural:

"Feros trovões, que vem representando
Cair o Céu dos eixos sobre a Terra,
Consigo os Elementos terem guerra"
(VI,84),

dando-se a fusão completa dos elementos de natureza antagônica, isto é, o plano divi-

30) VERGÍLIO - Eneida, I, 85-87.

no e o plano terreno, mas que procuram se igualar na força, na resistência contra o inimigo. "Luz" e "treva" também se misturam para expressar um mesmo espetáculo aterrador e fantástico, como uma verdadeira luta de heróis gigantes:

"A noite negra e feia se alumia
Cos raios em que o Pólo todo ardia"
(VI,77).

A magnificência do espetáculo é enfatizada pelo brilho intenso das armas inimigas que tentam impedir, com seu fulgor cegante, a represália do adversário:

"Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O grão ferreiro sordido que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relâmpagos ao mundo, fulminantes"
(VI,78),

quando, então, "raios" e "relâmpagos fulminantes" vêm contrastar com a atmosfera difusa em que acontece o espetáculo. Lembremos-nos de que foram essas nuances sombrias que anunciaram a aproximação do fenômeno, num verdadeiro grito de guerra dos deuses-inimigos:

"Súbito, o céu sereno se obumbrava"
(VI,37),

que constituiu um dos primeiros sinais que levou o mestre dos marinheiros a chamar a atenção dos tripulantes para a tempestade que se aproximava:

"Alerta (disse) estai, que o vento cre
ce
Daquela nuvem negra que aparece"
(VI,70).

E toda a Natureza sofre a ira incontida
dos deuses ofendidos:

"Quantos montes, então, que derribaram
As ondas que batiam denodadas.
Quantas árvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indinadas.
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca pera o céu fossem viradas,
Nem as fundas areias, que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revol-
vessem"
(VI,79),

expressando a inutilidade de qualquer re-
sistência humana. E enquanto os marinhei-
ros tentam resistir à procela com armas
próprias do herói renascentista, o resto
da tripulação, tomada de pânico, clama ao
Deus cristão, outra arma invencível do he-
rói da Contra-Reforma, o que vem se opor
àquele deus pagão, responsável pela açã o
do fenômeno:

"..... a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio",
(VI-75),

evitando-se, uma vez mais, ainda através da
"perífrase" termos já vulgarizados pelo seu
uso intenso. O mesmo processo é empregado
na referência à primeira e única atitude -
assumida pelo capitão da armada, durante-
todo o desenrolar da procela, evidenciando-
-se, nessa ausência de Vasco da Gama, a -
presença do herói coletivo d'Os Lusíadas:

"Chama aquele Remédio santo e forte,
Que a impossibil pode, desta sorte".
(VI,80).

E o Poeta, no seu objetivo, pensamos, de
pintar também um espetáculo grandioso e vi

vo, uma luta aparentemente desigual, não poderia tê-lo feito, talvez, senão através também do exagero de expressão, recurso capaz de caracterizar uma cena realmente deslumbrante. Diz, então:

"Não esperam os ventos indinados
Que amainassem, mas, juntos dando nela,
Em pedaços a fazem cum ruído
Que o Mundo pareceu ser destruído".
(VI,71);

ou, posteriormente:

"Os ventos eram tais, que não puderam
Mostrar mais força de impeto cruel,
Se pera derribar então vieram
A fortíssima Torre de Babel"
(VI-74);

e ainda:

"Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes
O grão ferreiro sordido que obrou
Do enteado as armas radiantes;
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relâmpagos ao mundo, fulminantes,
No grão dilúvio....." (VI,78),

onde o "hipérbole" é a figura de linguagem dominante, contribuindo para intensificar a imagem real, viva e magnífica do espetáculo.

Vai acentuando-se, cada vez mais, como já podemos concluir, a presença marcante do épico português com a complexidade de seu estilo. Predomina em sua obra, como sabemos, o uso intenso do "hipérbato", expressão de sua fidelidade à língua dos clássicos antigos. Citemos um exemplo dessa sobrevivência da sintaxe latina no episódio

da tempestade, e que pode levar, muitas vezes, à dificuldade de compreensão:

"Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a nau de Coelho, com receio,
Conquanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento". (VI,75).

Presentes ainda, neste mesmo episódio, estão as características que revelam do Poeta a sua inconsciente antecipação do movimento literário típico do século XVII. São "imagens" que valorizam ativamente o "feio" do espetáculo que vem se transformar na maior barreira enfrentada, em alto-mar, pelos portugueses. O "Renascimento", como não poderia deixar de ser, aqui, também se retrata através, principalmente, da presença da terra, do mar, do céu, "com acentuação marcada sobre o mar; no espírito de expansão, de irradiação, de universalidade"³¹ de que é imbuído, em especial, essa passagem do Poema, onde o Homem luta contra tudo que se lhe apresenta sob o rótulo do obstáculo, da oposição à sua ânsia de desbravamento e conquista. É a presença do Homem do século XVI, "centro do universo", e que se lança por mares ignorados, descobrindo e conquistando novos mundos, confiante em seu poder supremo, como o próprio navegante português, desafiando o Sobrenatural, o Desconhecido. Mas essa confiança extrema em sua primazia é contrastada pela presença de

31) FILHO, Domício Proença-Estilos de época na literatura. 2. ed. rev. e ampl. [São Paulo] Editora Linceu, 1969, p. 115.

características de outro movimento do século XVI, que vem "frear" aquele antropomorfismo absoluto do Renascimento. Assim, enquanto os homens lutam, procurando resistir à fúria do inimigo, é introduzido pela primeira e única vez, em todo o drama da tempestade, o capitão da armada, Vasco da Gama, de modo verdadeiramente contrastante àquele dos marinheiros, exaltando, como mencionamos, o herói coletivo d'Os Lusíadas:

"Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia,
.....
Chama aquele Remédio santo e forte,
Que o impossibil pode, desta sorte"
(VI,80).

É o homem que se sente pequeno e fraco ante forças transcendentais, e que confia, apenas, na ajuda do sobrenatural para superar seus infortúnios. É como uma volta ao homem medieval, sempre apavorado, enfraquecido diante dos diabólicos fenômenos da Natureza:

"Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova fúria ao céu subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia
Chama aquele Remédio santo e forte",
(VI,80),

onde a "antítese" consegue mostrar a revolta incontida dos "Elementos" que lançam mão de todas as armas para conter o atrevimento humano. E em oposição ao "maravilhoso pagão", representado por Baco, Netuno e todas as oceânides, temos a presença do "maravilhoso cristão", com seu Deus único, Senhor absoluto de todo o Universo. Se o herói português desconhece no Poema a origem

da força inimiga, o que não acontece com Ulisses ou Enéias quando enfrentam os obstáculos de seu percurso, sabe, no entanto, que o Homem pode confiar num único poder sobrenatural, numa única força verdadeiramente salvadora:

"Divina Guarda, angélica, celeste,
Que os Céus, o Mar e Terra senhoreias!"
(VI,81),

com estilo idêntico ao daquele em que Baco se dirigiu ao senhor dos mares. Vasco da Gama tem, em seguida, atitude semelhante à dos heróis antigos: aqui, a defesa da própria imortalidade, e a defesa da pátria³²; ali, a defesa da fé, do Cristianismo, única razão das arriscadas empresas marítimas:

"Porque somos de Ti desamparados,
Se este nosso trabalho não Te ofende,
Mas antes Teu serviço sô pretende?"
(VI,82).

E como de Ulisses ou de Enéias, o lamento do Capitão também é ouvido, ainda entre os brados dos deuses furiosos:

"Oh! Ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, enquanto fortes sustiveram
A santa Fé nas terras Mauritanas".
(VI,83).

E essa prece de Vasco da Gama termina com os "Elementos" ainda em guerra:

32) HOMERO - Od., V. 300-312; VERGÍLIO - En.
I, 94-101.

"Assi dizendo, os ventos, que lutavam
Como touros indômitos, bramando,
Mais e mais a tormenta acrecentavam,
Pela miúda enxárcia assoviando".
(VI,84),

retratando a fúria dos deuses que redobram suas forças, talvez prevendo o poder invencível da maior arma dos homens, a fê. É quando então, num verdadeiro "paradoxo", atende à prece do capitão da armada, o plano divino, mas pagão, na intercessão da deusa protetora da empresa lusitana, que se apresenta materializada numa estrela:

"Mas já a amorosa Estrela cintilava
Diante do Sol claro, no Horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra e o largo mar, com leda frente"
(VI,85).

É a presença da luz, do fulgor, em oposição à atmosfera escura, sombria em que se desenvolvia a procela. Para Hernâni Cidade, é a "mitificação do fenômeno marítimo, que constitui convicção corrente entre os marinheiros: a acalmação da tempestade noturna pela claridade da hora em que aparece no horizonte a Estrela da Manhã"³³. E como no episódio da tempestade, o empecilho ou a ajuda dos deuses pagãos, desconhecidos pelo herói do Poema, tornam-se verossímeis pelo processo da "materialização", mais uma vez usado pelo Poeta.

E com esse contraste entre a escuridão da noite com suas nuvens negras, e o claro

33) Luís de Camões, o épico, p. 143.

dia com sua estrela cintilante, preparamos o Poeta para a superação do grande obstáculo enfrentado pelos portugueses, próximos da meta final. Evocando, mais uma vez, os poemas clássicos antigos, a Odisséia e a Eneida, é interessante notarmos que Camões fugiu, novamente, à semelhança com essas epopeias, na vitória, agora, do herói sobre os deuses e a Natureza. Somente Os Lusíadas satisfazem a nossa expectativa de esperar, como represália ao deus inimigo, o auxílio da deusa protetora da viagem. Assim, Vênus intercede em favor dos portugueses, num episódio em que não é a força sobrenatural, ou o poder divino que vence a fúria dos "Elementos", mas o amor, arma que suas ninfas oferecem aos ventos irados. As suas atitudes são cuidadosamente descritas, desde o seu início, quando elas se prepararam para conter a ira dos ventos:

"Grinaldas manda pôr de várias cores
Sobre cabelos louros a porfia.
Quem não dirá que nace[m] roxas flores
Sobre ouro natural, que Amor infia?"
(VI, 87),

num espetáculo delirante de cor, beleza, sensualidade. Esses seres divinos lançam mão da estratégia humana, essencialmente feminina, em que a beleza é o recurso para convencer:

"Mostrando-lhes as amadas Ninfas belas,
Que mais fermosas vinham que as estrelas". (VI, 87),

fazendo-nos lembrar da voluptuosidade de Vênus quando se dirigiu ao "Paí do Olimpo"

em favor dos portugueses.³⁴ Não é mais aquele amor transcendente que, em Dante, também o salva do pavor da escuridão, trazendo-o para o caminho certo,³⁵ mas a sensualidade que faz com que os ventos, ante presenças tão belas e promessas de amor, percam suas forças e, completamente subjogados, venham a obedecer-lhes, sem restrições:

"À vista delas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pelejaram,
E já, como rendidos, lhe obedecem."
(VI,88).

Assim como os deuses inimigos redobram, cada vez mais, as suas forças durante a luta, a proteção divina sobre o herói português também intensifica as suas armas; as belas ninfas, não só se apresentam aos "ventos irados", como também deles se aproximam, dirigindo-lhes palavras amáveis, mas queixosas, enriquecendo-se, desta forma, a descrição do episódio:

"Não creias, fero Bóreas, que te creio
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura é de amor mais certo arreio.
E não convém furor a firme amante.
Se já não põe a tanta insânia freio,
Não espere de mi, daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te;
Que amor, contigo, em medo se converte."
(VI,89).

34) Os Lusíadas. II, 34-38.

35) La Divina Commedia. Inf., II, 70-72.

É a meiguice, o queixume, a censura da amada, em oposição à rudeza, à força, à ira do inimigo que constituem, portanto, os elementos de superação do obstáculo. E os portugueses, vencedores da árdua batalha, como se encontrariam, agora, perguntamos, depois de a terem superado. Lembremo-nos de que Ulisses, após ser salvo pela deusa, apresenta-se abatido e preocupado com aquilo que ainda lhe possa acontecer. É fortemente evidenciado esse estado de espírito do herói, totalmente subjugado pelo fascínio da Natureza, pelo poder do deus inimigo.³⁶ E com o herói romano a situação não se modifica: Enéias, embora tente dar ânimo, confiança e mesmo esperanças a seus companheiros, encontra-se, ele próprio abatido, derrotado, sem conseguir afastar o seu temor, a sua intranquilidade, a sua insegurança.³⁷ N'Os Lusíadas, porém, após a grande luta, encontramos-nos diante de marinheiros que, sob a claridade de uma alegre manhã, avistam a terra esperada:

"Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta, pela proa"
(VI,92).

Não há sinal algum de preocupação, insegurança, ou depressão entre os desbravadores que, confiantes em sua força, em seu domínio sobre mares ignorados, têm certeza do sucesso de sua missão. Não é mais aquele te

36) Odisséia. V, 465-473.

37) Eneída. I, 198-209.

mor que dominou o homem medieval ante a escuridão, ante as trevas que envolvem o desconhecido,³⁸ mas o homem que, tendo vencido o "mito" existente sobre a supremacia da Natureza, sabe que seu poder é superior, conhece a posição central que ocupa no Uni-verso. E na sua última tentativa, portanto, de deter a empresa lusitana em alto-mar, proporcionou Baco aos portugueses a grande oportunidade de, enfrentando o Sobrenatu-ral, consagrarem-se como um verdadeiro he-rói de mares até então desconhecidos e inexplorados. É a vitória total da "Fortuna Próspera" que permite ao Poeta, com orgu-lho cantar:

"...com firme peito e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
.....
Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrífica e importuna"
(VIII,73).

É nessa luta contra o Sobrenatural, contra o inimigo no ápice de sua ira, de suas forças, que o herói luso coloca-se à altura de seus "irmãos" da Antiguidade, até mesmo superando-os, e fazendo-se, assim, digno da estirpe a que pertence, honrando o nome heróico de seus antepassados. Não foi mera "retórica" do Poeta quando, no início do Poema, propõe que:

"Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;

38) ALIGHIERI, Dante - La Divina Commedia.
Inf. I, 1-15.

Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta!"
(I,3).

(excerto da tese de mestrado
da Autora)

BIBLIOGRAFIA

- 1) ALIGHIERI, Dante - La Divina Commedia. Milano, Hoepli Editore, 1955.
- 2) BARROS, João de - Ásia. 1a. Década. Atual. na ortografia e anot. por Hernâni Cidade. 6a. ed. Lisboa, Agência Geral das Colônias, 1945, livro VI.
- 3) BONWRA, Ceil Maurice - Virgílio, Tasso, Camões e Milton. Trad. de António - Álvaro Dória [Porto] Civilização - [1950]
- 4) CAMÕES, Luís de - Os Lusíadas, ed.org. por Emmanuel Paulo Ramos [Porto, Porto Editora, s.d.]
- 5) CASTANHEDA, Fernão Lopes de - História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses. 3a. ed. rev. e anot. por Pedro de Azevedo. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, livro I.
- 6) CIDADE, Hernâni - Luís de Camões, o épico. 3a. ed. corr. e atual. [Lisboa] Bertrand, 1968.
- 7) FERRER, Manuel - La mitologia en "Os Lusíadas": una posible interpretación. Revista Camoniana. São Paulo, publ. do I.E.P. da USP, 1971, v.3, p. 11-55.
- 8) FILHO, Domício Proença - Estilos de época na literatura. 2a. ed. rev. e ampl. [São Paulo] liceu, 1969.
- 9) HOMÈRE - L'Odyssée. Texte établi et traduit par Victor Bérard. 4a. ed. - Paris, Les Belles Lettres, 1947.

- 10) HAUSER, Arnold - Literatura Y Manieris
mo. Trad. de Felipe Gonzalez Vicen.
Madrid, Ediciones Guadarrama [1969]
- 11) JUROMENHA - Obras de Luís de Camões. -
Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, v.
I.
- 12) SARAIVA, Antônio José - Camões. Separa
ta da História da Cultura em Portu-
gal. Lisboa, Jornal do Foro, 1963,-
v. III.

CAMOES DÁ VIAGEM A PORTUGAL

O concurso "VIDA E OBRA DE CAMOES", promovido pela Secretaria de Estado da Cultura neste ano do 4º Centenário do grande poeta, levou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba a oferecer ajuda aos interessados em ganhar o prêmio deste concurso: viagem a Portugal ao aluno vencedor e ao professor que orientou a elaboração do trabalho.

Para isso, pôs à disposição o potencial humano e cultural de que dispõe: os docentes do Curso de Letras e a Biblioteca.

"Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta"